



## PRÁTICAS DE LETRAMENTO DESENVOLVIDAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NOS CONTEXTOS SOCIAIS

### Literacy Practices Developed in the Initial Reading Instruction Process: Possibilities for the Construction of Oral and Written Language in Social Contexts

Dilmar Rodrigues da Silva Júnior<sup>1</sup>

Joelson de Sousa Morais<sup>2</sup>

Franc-Lane Sousa Carvalho do Nascimento<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente texto é resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre alfabetização e letramento, que parte do seguinte problema de investigação: quais contribuições são trazidas no processo de alfabetização e letramento na aprendizagem da criança no cotidiano escolar mediatizado pela prática pedagógica do professor? Os objetivos são: compreender como se constitui o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como refletir acerca das contribuições da alfabetização e do letramento no desenvolvimento e aprendizagem da criança na educação escolar. Os resultados evidenciam que potencializar os aspectos do letramento na alfabetização de crianças é uma tarefa complexa, que exige do professor o conhecimento das dimensões que envolvam o desenvolvimento humano, tanto fatores internos quanto externos e sua inter-relação com o contexto das práticas, usos e funções sociais de leitura e escrita. Assim, esse processo da alfabetização só pode ser consolidado quando as capacidades intrapsíquicas, linguísticas, afetivas e sociais da criança

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação- PPGed da Universidade Federal do Piauí - UFPI, na Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Práticas da Docência. Especialização em Supervisão, Gestão e Planejamento Educacional pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESF). Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação e Profissionalidade Docente - NUPPED (UFPI) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Formação Docente, Ensino e Práticas Educativas - NUPEFORDEPE (UFPI). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2301-3096>. E-mail: [dilmar.jrexs93@outlook.com](mailto:dilmar.jrexs93@outlook.com).

<sup>2</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na linha de pesquisa Formação de Professores, Currículo, Trabalho Docente e Avaliação. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Pedagogo e Professor Substituto da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)/Campus Codó. É pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC/UNICAMP) e do Grupo Interinstitucional de *Pesquisaformação* Polifonia (UNICAMP/UERJ). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1893-1316>. E-mail: [joelsonmorais@hotmail.com](mailto:joelsonmorais@hotmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Líder do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares: Educação, Saúde e Sociedade - CNPq/UEMA. Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, no Centro de Estudos Superiores de Caxias - CESC e, atualmente é Diretora do Curso de Pedagogia. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) - Mestrado Profissional em Educação da UEMA e do Mestrado e Doutorado em História. Trabalha, ainda, como Coordenadora Pedagógica e Formadora na Secretaria Municipal de Educação, Ciências e Tecnologia de Caxias (MA) - SEMECT. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6956-4670>. E-mail: [franlanecarvalhon@gmail.com](mailto:franlanecarvalhon@gmail.com).

estiverem em uma etapa maturacional fundamental para poder conseguir desenvolver tais capacidades em vista da aprendizagem no processo de escolarização.

**Palavras-chave:** Alfabetização e letramento. Prática Pedagógica. Ensino Fundamental.

**Abstract:** This text is the result of a bibliographic research on initial reading instruction and literacy, which starts from the following research problem: what contributions does the literacy and the literacy process bring to the learning of children in the daily school routine mediated by teacher's pedagogical practice? The objectives seek to: understand how the literacy process is constituted in the early years of elementary school, as well as to reflect on the contributions of literacy and literacy in the child's development and learning in school education. The results show that enhancing aspects of initial reading instruction in children's literacy is a complex task, which requires the teacher to know the dimensions that involve human development, both internal and external factors and their interrelation with the context of practices, uses and social functions of reading and writing. Thus, this process of initial reading instruction and literacy can only be consolidated when the child's intrapsychic, linguistic, affective and social capacities are in a fundamental maturation stage in order to be able to develop such capacities in view of learning in the education process.

**Keywords:** Reading and Literacy. Pedagogical Practice. Elementary School.

## 1 Notas introdutórias

Diante da realidade das escolas sobre as dificuldades da ação de alfabetizar, é fundamental que os professores compreendam o que é alfabetização e o que é letramento para poderem desenvolver melhor a sua prática pedagógica, visando à alfabetização mais significativa.

O presente texto é resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre alfabetização e letramento, que parte do seguinte problema de investigação: quais contribuições são trazidas no processo de alfabetização e letramento na aprendizagem da criança no cotidiano escolar mediatizado pela prática pedagógica do professor? Os objetivos buscam compreender como se constitui o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como refletir acerca das contribuições da alfabetização e letramento no desenvolvimento e aprendizagem da criança na educação escolar.

Como pedagogos e formadores de professores que somos atuantes no segmento da docência universitária, sobretudo no curso de Pedagogia, trazer a reflexão acerca da alfabetização e letramento é crucial, tendo em vista que formamos professores que estarão atuando na Educação Básica e que, portanto, precisam munir-se de saberes e experiências que irão constituir, no cotidiano profissional, nessa perspectiva de ensinar e aprender, os diferentes saberes e conhecimentos pautados pela área da aprendizagem do processo de ler e escrever com as crianças.

Sabemos que a constituição do letramento está além do processo de aquisição do código de escrita alfabética, conforme preconiza a perspectiva teórica tradicional de alfabetização, mas sobretudo volta-se à percepção mais ampla sobre as necessidades de os seres humanos mobilizarem seus conhecimentos orais e escritos no contexto das práticas sociais de leitura e escrita, uma vez que a sociedade letrada tem, no seu itinerário, um



movimento articulador entre os princípios das relações entre os indivíduos que nela habitam, onde cada um estabelece suas comunicações, em vista dos objetivos de cada instituição social que frequenta em sua rotina.

Entender o letramento, na égide da prática pedagógica em sala de aula, é olharmos para as novas condições e perspectivas nas quais são construídos o código de escrita (letras, sílabas, palavras, frases, textos, números etc.) como também a capacidade autônoma do próprio sujeito de articular e mobilizar o saber produzido nos mais diferentes momentos e espaços de sua vida.

Compreendemos, como Soares (2007), que o letramento é desenvolvido na escola pelo professor alfabetizador e deve manifestar-se nas mais diferentes atividades: lúdico – jogos, contação de histórias, as cartilhas, os livros paradidáticos, as brincadeiras de faz-de-conta, além do trabalho mútuo com os diversos materiais que incentivam a leitura e escrita: textos, frases, letras, palavras curtas, médias ou grandes, produção de cartazes, painéis, organização de álbum seriado, entre vários outros dispositivos metodológicos que consideram importantes para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita da criança.

Considerando esse universo acerca do letramento no processo de alfabetização de crianças, no qual as diferentes atividades constituem um amplo repertório para a percepção e aprendizagem do código e sua efetivação nas suas diversas práticas sociais: em casa, na escola, na igreja e nos mais diferentes espaços da sociedade, o letramento exerce uma função expoente no conhecimento de mundo, na formação crítica, participativa e criadora do indivíduo no espaço em que vive. Dessa forma, concordamos com Kleiman (2005) ao afirmar que as práticas de letramento do professor dependem das funções que a escrita tem na sua vida e também de sua capacidade para entender e de transformar suas práticas sociais não escolares de letramento, definindo efetivamente a pesquisa situada no local de trabalho do professor como agente transformador.

Neste escrito, discutiremos os conceitos e significados do processo de alfabetização como sistema global que permeia as práticas de letramento desenvolvidas, os sentidos produzidos pelo letramento numa visão tradicional do código da escrita e a tecitura reflexiva acerca do letramento no contexto de educação na atualidade com ênfase nas práticas pedagógicas de professoras alfabetizadoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Realizamos um estudo de caráter bibliográfico, que aborda uma discussão teórica à luz de pesquisas das práticas de letramento desenvolvidas no processo de alfabetização, com contributos de Cagliari (2005), Carvalho (2011), Ferreira (2001), Kleiman (2005), Moraes (2014), Mortatti (2006), Nono e Mizukami (2009), Brasil (1997), Soares (2007), Teberosky e Colomer (2003), entre outros autores que evidenciam as várias concepções de letramento no cenário educacional, especialmente no contexto das práticas pedagógicas desenvolvidas na escola e na sala de aula, mais especificamente.

É a partir da alfabetização que o indivíduo inicia a constituição de seu pensamento crítico, mediado pelas práticas de letramento desenvolvidas nesse processo. O sujeito segue etapas importantes para a constituição dos sinais e signos da língua oral e escrita. Nesse sentido, consideramos o papel e a função do professor como de extrema importância, uma vez que ele ganha novas significações no contexto da prática social. Nessa perspectiva, essa concepção de letramento contempla múltiplas possibilidades e envolve toda noção sócio-histórica e cultural do letramento e permite examinar a constituição de práticas de letramento nos contextos sociais, analisando os diferentes valores para as diversas práticas, partindo dos modelos alternativos orientados para os usos cotidianos e cooperativos da escrita, considerando assuntos práticos singulares nas comunidades (KLEIMAN, 2005).



A seção a seguir evidenciará os conceitos e significados de alfabetização produzidos ao longo do tempo, compactuando com o contexto das práticas pedagógicas no arcabouço teórico-epistemológico que aborda sobre a temática no cenário educacional a partir dos contributos de Soares (2007) Mortatti (2006) e Ferreiro (2001).

## **2 Tecendo alguns conceitos e significados acerca do processo de alfabetização**

É notório que uma das temáticas mais discutidas e analisadas na literatura educacional está relacionada aos processos de alfabetização, considerada geradora de consciência por meio da identificação e mobilização dos códigos de escrita no contexto das diversas práticas sociais, colocando o indivíduo na condição de ser social que mantém relações com seus pares nos mais diferentes espaços e tempos.

Nesse sentido, as reflexões realizadas sobre alfabetização, nesta seção do artigo, despertam a noção produzida ao longo do tempo em que ela revela o seu caráter complexo e multifacetado, uma vez que, ao longo da trajetória educacional, ela (re)significa as condições e perspectivas formativas na prática do professor, da escola e seus sistemas de ensino, tomando novos rumos que evidenciam e potencializam os alunos através de dispositivos metodológicos, dinâmicas educativas e processos outros plurais de ensino e aprendizagem mobilizados no contexto educativo da prática pedagógica.

Considerando essa amplitude do conceito e significado em torno da alfabetização, em nosso estudo, orientamos não apenas a especificidade do ensino da leitura e escrita, mas sobretudo a relevância desses códigos valorizados nas práticas sociais de letramento humano – as práticas sociais de leitura em seus diferentes contextos sociais. É na escola onde o indivíduo conhece a variedade de códigos que formam as mais variadas palavras de sua língua e sua cultura social. Portanto, a essa instituição incumbe a responsabilidade de apresentar a noção formal de educação e linguagem para que seja complementada em ambientes externos à escola.

Precisamos ter a ideia de que a alfabetização não é um processo fechado, pois no momento em que o sujeito está aprendendo, ele está relacionando seus conhecimentos com seus pares nos mais diferentes espaços e serviços sociais. Assim, apontamos as significações produzidas por Soares (2007, p. 49) no que condiz ao processo de alfabetização. Para a autora, a ação de alfabetizar deve “[...] levar à aquisição do alfabeto, ou seja, ensinar a ler e a escrever. Assim, a especificidade da Alfabetização é a aquisição do código alfabético e ortográfico, através do desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita”. Essa visão de alfabetização, inicialmente empregada, versa sobre a condição instrumentalizada tradicional, uma vez que, ao longo da trajetória histórica de alfabetização do indivíduo, os professores consideravam as teorias válidas naquela época e as operavam apenas na condição de ensinar o aluno a ler e escrever por meio do registro do nome pela escrita, ou seja, alfabetizar era sinônimo de conhecer os sinais da língua.

Por outro lado, esse processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita não continha uma noção mais ampla sobre as possibilidades de desenvolver potencialidades para a ascensão social. Uma vez que, naquela época, a educação encontrava-se fragilizada, e uma educação de qualidade estava primariamente voltada aos filhos das elites, que percorriam todas as etapas do ensino e conquistavam sua transformação social e profissional, ou seja, sua emancipação na condição libertadora de ser humano. Retomando à nossa discussão inicial acerca dos sentidos e significados produzidos ao longo da história da alfabetização no Brasil, entendemos que a:



[...] alfabetização ganha força, principalmente, após a Proclamação da República, com a institucionalização da escola e com o intuito de tornar as novas gerações aptas à nova ordem política e social. A escolarização, mais especificamente a alfabetização, se tornou instrumento de aquisição de conhecimento, de progresso e modernização do país (MORTATTI, 2006, p. 123).

Frente a essa acepção, notamos uma visão de alfabetização mediada pelo conjunto das práticas pedagógicas, com metodologias que estivessem em consonância com as teorias e concepções pedagógicas de cada época. A égide política e social influenciava e continua influenciando na mudança de hábitos, atitudes e valores culturais que já existiam no ato educativo. A escolarização, então, passou a ter maior importância para a aquisição do conhecimento formal e código escrito, uma vez que a criança, ainda no início de sua jornada escolar, passava a conceber e identificar elementos do meio em que vive.

De acordo com Leffa (1999), por muito tempo, a educação alfabetizadora constituiu-se de ideologias dominantes no cerne político-social dos indivíduos. Nesse sentido, a evolução da trajetória escolar no Brasil, diferentemente de outros países em desenvolvimento, ainda tem compactuado com dificuldades e retrocessos no âmbito e em torno dos processos de alfabetização. O cerne tradicional do caráter alfabetizador no cenário escolarizado ainda tem conservado a ideia de aprovação e reprovação, sem estudar os contextos afetivos e os elementos essencialmente envolvidos no desenvolvimento das capacidades cognitivas da criança nas ações alfabetizadoras.

Para melhorar a qualidade da educação básica, especialmente a dos anos iniciais do Ensino Fundamental, são necessárias atitudes e concepções de alfabetização enquanto dimensão e prática social imprescindíveis no trabalho do professor e da escola além do planejamento dos sistemas de ensino para que o trabalho seja universal e se consolide numa perspectiva voltada para uma política pública que atenda as necessidades e demandas do processo de escolarização, numa perspectiva laica, pública e gratuita, com a possibilidade de evitar, assim, a baixa qualidade, os índices de fracasso, reprovação e evasão escolar, que nunca deixaram de se perpetuar nessas sociedades.

O processo de alfabetização pode ser revisitado nos estudos de Mortatti (2006) acerca da história dos métodos de alfabetização no Brasil. Aqui, reafirmamos que, na prática do professor alfabetizador, ao efetivar as estratégias de leitura e escrita, é preciso buscar o melhor e mais adequado método de ensino para cada realidade, mostrando eficiência para ensinar o sistema de escrita alfabética, abrangendo basicamente duas práticas metodológicas para a aquisição da língua escrita: os métodos analíticos e os métodos sintéticos.

Segundo Ferreiro (2001, p. 09), em seus estudos voltados ao processo de alfabetização, no olhar tradicional, ela “[...] é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de ‘maturidade’ da criança”. Fica entendido que a criança tem o seu momento certo de aprender, isso nos leva a perceber que nem sempre o momento de uma criança seja o mesmo momento de outra; é relativamente diferente o nível, pois, cada uma tem o seu momento de aprender, dependendo do grau de maturidade que ela tenha. A criança e o adulto em fase de alfabetização usam a estratégia fonológica (escrever como se fala).

No sentido tradicional de alfabetização, as ideias de Ferreiro (2001) vão ao encontro das de Mortatti (2006), ao elucidarem que o método analítico supõe a ideia de estratégias pedagógicas em que o professor expõe o código, e o aluno, por si só, tenta identificar o código que está em pauta. Enquanto os métodos da estratégia sintética são aqueles que seguem um



percurso de abrangência do próprio código: primeiro se ensinam letras, sílabas, palavras curtas, pequenas frases e, posteriormente, a formação de textos. Então, fica entendido que, no contexto da marcha sintética, os códigos de escritas partem da concepção fragmentada: da “parte” para o “todo”.

Esse sentido unilateral de alfabetização, através do trabalho inicial sobre o código de escrita, supõe uma ruptura em torno da dissociação entre alfabetização e letramento. Conforme preconiza Soares (2007), essa dissociação é um equívoco. Uma vez que a alfabetização é a inserção do sujeito no mundo da escrita através das diversas práticas de letramento. A aquisição das habilidades de leitura e escrita são realizadas com uso de atividades vinculadas às práticas sociais que envolvem a língua – o letramento.

A ideia de alfabetização ganhou novos horizontes dadas as perspectivas teóricas que enfatizam os contextos individuais e coletivos dos sujeitos. Sendo assim, Soares (2007) ressalta que o processo de alfabetização é contínuo e que envolve a apresentação dos signos linguísticos e numéricos por meio da apropriação da leitura e da escrita.

De acordo com a autora, o processo de alfabetização deve ser pautado em um contexto de letramento. Inicialmente respeitando o letramento social do indivíduo, ou seja, o que ele já traz de leitura do mundo. Posteriormente, inserem-se as questões de aprendizagem da escrita, alicerçadas no desenvolvimento de habilidades alfabéticas, ortográficas e numéricas. A autora reforça que se deve ter consciência de que a alfabetização e o letramento possuem diferentes dimensões, o que demanda múltiplas e próprias metodologias.

Nessa perspectiva, a alfabetização é desenvolvida por meio das práticas sociais de leitura e escrita, contextualizadas no ambiente do qual o aluno faz parte. As análises empreendidas em torno do processo de alfabetização mostram que ela pode proporcionar uma gama de experiências em seu percurso gradativamente. Essas experiências podem ser descritas no tocante às práticas pedagógicas alfabetizadoras, que se dividem em diferentes atividades para a aquisição da língua escrita, tais como: textos extraídos do livro didático, cartilhas de leitura e escrita com identificação e percepção do código utilizado pelos alunos etc.

Na próxima seção, buscaremos refletir acerca dos conceitos e significados de letramento, evidenciando os contextos teóricos no processo de alfabetização, correlacionando com a prática pedagógica.

### **3 Sobre o letramento na educação escolar: implicações conceituais e reflexivas**

Como sabemos, a prática pedagógica é um processo multifacetado e se consolida a partir do refletir e das percepções dos professores, cuja mobilização dos seus saberes e fazeres potencializam e possibilitam a garantia do processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, pensar a alfabetização em seu contexto global de aquisição da língua oral e escrita nos remete a descrever acerca da importância das práticas de letramento desenvolvidas nesse momento.

Como vimos na seção anterior, Soares (2007) contextualiza que não podemos dissociar alfabetização e letramento, visto que o letramento está presente no cenário alfabetizador com a mediação do professor com vista ao ensino do código de escrita alfabética e seu desenvolvimento nas mais diversas práticas sociais.

Segundo Morais (2014, p. 47), “[...] a alfabetização e o letramento apresentam uma relação muito forte, pois uma depende exclusivamente da outra, as duas ações são distintas, mas inseparáveis”, isto é, não se pode alfabetizar sem letrar. O ideal seria alfabetizar letrando,



ou seja, praticar o processo de ensinar a ler e escrever de modo que a criança se torne, ao mesmo tempo, alfabetizada e letrada.

Cabe enfatizar que ser alfabetizada e letrada não é saber interpretar o que se lê. A interpretação é a compreensão da leitura tanto de mundo (letramento social) quanto de questões de alfabetização (sintáticas e semânticas) e ocorre após a análise textual ou de imagem. O indivíduo é considerado alfabetizado e letrado, segundo Leffa (1999) e Soares (2007), a partir do momento em que é diagnosticado o seu domínio do código escrito e falado, agregado a sua capacidade de realizar inferências tanto textuais quanto de imagens.

A criança, ao aprender o código da escrita alfabética, passa a ter propriedade do que aprendeu. No seu dia a dia, a criança em processo de leitura passa a identificar e ler os códigos escritos que contém nos mais diferentes espaços e objetos, como: rótulos de embalagens, símbolos, propagandas, cartazes, nomes de ruas, placas, avisos, bilhetes, receitas, cartas, fichas, jornais, revistas, livros entre outros, o que faz com que o sujeito se familiarize com o texto escrito e estabeleça uma série de relações, levantando hipóteses e procurando compreender o significado. A partir daí, percebemos a importância que tem o letramento nesse processo.

Interessante como as ideias de Morais (2014) vão ao encontro das de Soares (2007, p. 49) ao considerar que “[...] depois que o conceito de letramento começou a se expandir, a alfabetização foi reduzida simplesmente a decodificação, ao simples ensinar a ler e escrever”. Mas sabemos o quanto é importante ensinar a ler e escrever, porque o sistema alfabético é necessário para o indivíduo entrar no mundo da leitura e da escrita de uma sociedade e país em desenvolvimento. Temos que valorizar a alfabetização relacionando-a com o letramento.

Na sala de aula, o letramento é manifestado a partir dos elementos pedagógicos mobilizados e sistematizados pelo professor e, a partir daí, com o seu planejamento efetivo, pautando o seu trabalho acima dos níveis de desenvolvimento cognitivo do aluno. Ensinar a ler e escrever requer método planejado. O sistema de escrita alfabética, inicialmente aprendido pelo código, merece atenção especial, uma vez que para o indivíduo ler e escrever corretamente, precisa, antes de tudo, ter propriedade de como pode escrever o código de escrita.

Contextualizando, as práticas de leitura e escrita só podem ser efetivas no interior da sala de aula a partir do momento em que o educador possibilitar situações práticas colocando objetos concretos de fácil percepção aos seus alunos. Por outro lado, as atividades do letramento evidentemente demonstram seu caráter social a partir do momento em que a escola é tida como ponto de referência nesse processo de aprendizagem e tais atividades são contextualizadas no âmbito das práticas sociais e interativas que promovem o protagonismo do sujeito em formação. Dessa forma, ela pode atuar positivamente na constituição desses futuros cidadãos.

Após o desenvolvimento das inúmeras atividades de letramento, o professor proporciona a concretização da leitura e da escrita, situação em que o aluno, por si só, organiza mentalmente o que pretende falar e escrever, numa perspectiva autônoma e autocrítica sobre a realidade a sua volta. As concepções de letramento, segundo Kleiman (2005, p. 25), constituem o “[...] conjunto de atividades envolvendo o uso da língua, desde que possua um objetivo e estando inserida numa situação que se vincula ao uso de saberes, tecnologias e competências necessárias para sua realização, podem ser consideradas como práticas de letramento”. Desse modo, visualizamos que a busca de habilidades e competências vazias de significado pode ser denotada como prática fora do letramento. A forma de trabalhar



os alunos como leitores aptos para realizar a tarefa de conduzir uma brincadeira, por exemplo, formaliza o caráter de prática de letramento.

No âmbito da sala de aula, as diversas atividades pedagógicas que envolvem o letramento podem ser caracterizadas por um projeto em que os alunos levam para casa uma sacola contendo materiais diversos de leitura, como livros, revistas, gibis, jornais, encartes e demais. Junto a esse material contém um caderno como um diário de visita da sacola, conhecida por “Sacola da Leitura” sumariamente.

Nesse diário, a família anota como foram os momentos de leitura com o filho, e ele registra o desenho de sua leitura preferida daquela ocasião. Denota-se, com esse procedimento, outra prática de letramento, uma vez que a criança está inserida em um grupo que é de grande significado para ela. Sendo assim, toda prática de leitura vivenciada em família será de elevado valor para a alfabetização da criança.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017) procura contemplar a cultura digital, diferentes linguagens e letramentos, desde aqueles de uma perspectiva linear, com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermídia. E acrescenta, ainda, que, no eixo Leitura/Escuta, amplia-se o letramento, por meio da incorporação de estratégias de leitura em textos de nível de complexidade crescente, como no eixo Produção de Textos, pela progressiva incorporação de estratégias de produção de textos de diferentes gêneros e formas textuais.

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2017), alfabetizar é trabalhar com a apropriação pelo aluno da ortografia do português do Brasil escrito e das demais áreas e componentes curriculares, entendendo como se dá esse processo de construção de um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante. O foco está no reconhecimento das potencialidades das tecnologias digitais para a realização de atividades relacionadas às áreas do conhecimento, às diversas práticas sociais e ao mundo do trabalho. No documento, são definidas competências e habilidades que permitem aos estudantes buscar dados e informações de forma crítica nas diferentes mídias, inclusive as sociais, analisando as vantagens do uso e da evolução do letramento/alfabetização. Assim, progressivamente, o estudante deve “[...] apropriar-se das linguagens da cultura digital, dos novos letramentos e dos multiletramentos para explorar e produzir conteúdos em diversas mídias, ampliando as possibilidades de acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho” (BRASIL, 2017, p. 475).

A BNCC evidencia que, por meio do uso das linguagens digitais, há possibilidade de o trabalho escolar articular-se às condições de leitura e escrita no contexto das práticas sociais que estão em vigência. Esse momento de transformação pelos princípios e meios digitais evidencia uma linguagem multiletrada por base de vários elementos colocados e reinventados na sociedade.

Entendemos que a BNCC (BRASIL, 2017) apresenta os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que correspondem às aproximações de habilidades que estudantes devem alcançar nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O professor tem a autonomia para planejar e propor atividades que correspondam às práticas de leituras que envolvam o debate, a discussão e o diálogo e irão corresponder às habilidades esperadas.

No documento, a autonomia do professor é expressa com o termo intencionalidade educativa, que se refere às práticas pedagógicas de que o professor dispõe para planejar experiências que promovam o desenvolvimento dos estudantes, devendo “[...] refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações,





garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças” (BRASIL, 2017, p. 37).

Dessa forma, no eixo Leitura/Escuta, aborda a terminologia letramento, consolidada (BRASIL, 2017, p. 91) “[...] por meio da progressiva incorporação de estratégias de leitura em textos de nível de complexidade crescente, assim como no eixo Produção de Textos, pela progressiva incorporação de estratégias de produção de textos de diferentes gêneros textuais”.

O uso dos gêneros textuais são complementares no processo de letramento de crianças na sala de aula, nos ciclos de alfabetização, sobretudo porque, a partir deles, emergem os contextos de interação social pelos códigos que são formados por eles. Assim sendo, fica evidente que os gêneros ou tipologias textuais ressignificam o sentido tradicional de alfabetizar apenas pelo código e ganham uma dimensão ainda maior quando se tem a pluralidade de situações que despertam no aluno a sua autonomia e capacidade criadora para articular e mobilizar os conhecimentos por meio dessas práticas de letramento.

O desafio da alfabetização é alfabetizar letrando. O alfabetizador precisa entender que alfabetização é um processo complexo que inicia antes da alfabetização escolar enfatizando os seus usos sociais. Ou seja, para que um sujeito seja considerado letrado não é necessário que ele tenha frequentado a escola ou que saiba ler e escrever, basta que o mesmo exercite leitura de mundo no seu cotidiano participando ativamente na comunidade. Assim,

[...] para alfabetizar letrando, deve haver um trabalho intencional de sensibilização, por meio de atividades específicas de comunicação, como escrever para alguém que não está presente (bilhetes, correspondências escolares), contar uma história por escrito, produzir um jornal escolar, um cartaz etc. Assim a escrita passa a ter função social (CARVALHO, 2011, p. 69).

Essa prática alfabetizadora na perspectiva do letramento discutida por Carvalho (2011) supõe a percepção de um trabalho intencional voltado aos desdobramentos docentes em elaborar práticas pedagógicas de leituras no universo da sala de aula, no itinerário escolar. Realizar um trabalho voltado à escrita dos alunos para que eles manifestem sua autonomia em relação à organização mental a fim de que, a partir daí, expressem-se, por escrito, no caderno ou em um pedaço de papel (como bilhetes ou correspondências escolares) ou até mesmo nos veículos de comunicação nos quais os alunos manifestem a oralidade cultural, também é ponto chave nesse cenário de alfabetização.

As concepções trabalhadas por Carvalho (2011) denotam a condição do professor como agente que deve estimular o desenvolvimento das inúmeras habilidades dos alunos a partir de reflexões sobre as relações entre partes faladas e escritas no interior das palavras. Essa ação pode ocorrer dentro da escola e deve facilitar a compreensão dos alunos de que todos devem vivenciar suas ações sociais para facilitar o acesso à leitura e à escrita e que isso é um direito de cidadania e uma função do sistema escolar.

É importante que, no dia a dia, em sala de aula, os professores se atentem para a escolha das leituras ofertadas para os alunos no intuito de que eles tenham contato com palavras diferentes e escritas parecidas. Isso ajudará o aluno a refletir sobre as mesmas, montando-as e as desmontando.

Diante das reflexões feitas, a seção a seguir analisa práticas pedagógicas na perspectiva do letramento, pautando o trabalho do professor na sala de aula e na mobilização do código de escritas alfabéticas constituídas e mobilizadas no contexto da prática social.



#### **4 Práticas pedagógicas na perspectiva do letramento: possibilidades teóricas e metodológicas**

Desenvolver práticas de letramento em turmas heterogêneas possibilita ao professor a sensibilidade acerca do seu processo mediador no que concerne aos aspectos pessoais e sociais do sujeito que aprende. Com isso, torna-se mais fácil ambos aprenderem juntos a partir das experiências trazidas para o espaço escolar, ganhando, a partir daí, a segurança no que se aprendeu e levando para seus ambientes de convívio os conhecimentos numa perspectiva crítica.

As situações-problema trazidas por Teberosky e Colomer (2003) esclarecem a alfabetização como um universo prático-utilitário. É uma perspectiva na qual o alfabetizador desperta em seus alunos não apenas a construção e identificação dos sinais e símbolos da língua oral e escrita, mas sobretudo a capacidade criadora e a livre autonomia de percorrer diferentes espaços e tempos, a partir de sua capacidade crítico-reflexiva sobre as situações que permeiam o seu cotidiano e, assim, por ele mesmo, os alunos vão atribuir significados e pensar em soluções para tais problemáticas.

Nessa dimensão, Teberosky e Colomer (2003) ainda explicitam a necessidade de o professor lidar com os problemas que surgem no cotidiano da sala de aula e intervir para a transformação da situação das práticas de alfabetização. Essa intervenção remete ao processo didático do saber-fazer, ou seja, à ação do professor em realizar determinadas tarefas em seu ambiente de trabalho. Quando o professor encontra uma turma heterogênea, com diversos níveis de língua e compreensão acerca dos fenômenos em torno de seus alunos, é necessário atuar em sua função diagnóstica e, posteriormente, planejar um trabalho que se efetive numa dimensão global do processo de alfabetização, atendendo à turma e à pluralidade dos saberes que, naquele espaço, estão presentes.

Reiteramos o fato de para que a alfabetização aconteça no cenário atual da educação, é necessária, antes de tudo, uma visão ampla do professor acerca dos condicionantes teóricos-epistemológicos e metodológicos que direcionarão o seu trabalho educativo, visto que a trajetória histórica de alfabetização é marcada por várias concepções de aprendizagem e pela forma como esse processo no interior das escolas e das salas de aula acontece.

Contudo, segundo Nono e Mizukami (2009), no contexto da alfabetização, o professor tem a função de ensinar com uma visão do processo de aprendizagem da leitura e escrita, a partir da perspectiva daquele que aprende, buscando a interpretação das sutis produções escritas dos alunos, ou seja, o professor deve enxergar as escritas dos alunos como um processo contínuo, pois a criança se desenvolve aos poucos, no decorrer da instigação que o professor provoca.

O objetivo do ensino deve ser aprimorar a competência e melhorar a leitura do aluno nos vários contextos em que ele se insere para que o mesmo não se torne sujeito alienado (característica dada a quem em nada vê sentido ou a quem tudo aceita). Assim, o ensino da leitura e da escrita tem contribuído para a formação do indivíduo que age sobre o mundo, transformando-o de forma crítica-reflexiva e sendo transformado por este em um processo dinâmico e dialético.

É inquestionável que o ensino da leitura e escrita busca a inclusão do aluno em determinadas experiências sociais. Assim, além de o professor obter um entendimento das habilidades referentes ao ato de alfabetizar, faz-se necessária a construção de uma prática

pedagógica e do uso de metodologias apropriadas com a realidade da sociedade letrada em que o aluno se insere.

Revisitando os estudos que discorrem acerca da temática aqui proposta, encontramos algumas contundentes reflexões que situam as possibilidades de construção de saberes e conhecimentos do professor alfabetizador, com vistas ao desenvolvimento de sua prática pedagógica. Ou, como melhor pontua a literatura a esse respeito,

[...] todo professor deve ter todos aqueles conhecimentos técnicos linguísticos exigidos no processo de alfabetização, assim como todo professor alfabetizador precisa ter todos aqueles conhecimentos técnicos linguísticos necessários para conduzir o processo de letramento nas primeiras séries do ensino fundamental (CAGLIARI, 2005, p. 10).

Na perspectiva do autor, o professor alfabetizador deve apropriar-se de fundamentação teórica para uma prática alicerçada nas necessidades da sociedade letrada, que exige do indivíduo a participação ativa em diversas atividades que envolvam a leitura e a escrita. Contudo, é de suma importância que o educador desenvolva uma prática que conduza à aprendizagem da língua escrita de forma adequada, propiciando ao aluno entender e saber fazer o uso das habilidades de leitura e escrita em seu contexto social.

Leva-se em consideração o ensino dessas habilidades de leitura e escrita como processo de suma importância para o desenvolvimento do aluno. Para isso, devem ser desenvolvidas atividades fundamentadas na concretização dos conhecimentos adquiridos por ele. Partindo da fundamentação de Cagliari (2005, p. 149), “[...] a Leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido. O objetivo da escrita, como já dito inúmeras vezes, é a leitura”. Então, um elemento complementa do outro; porém, é a leitura que oferece suporte para o desenvolvimento linguístico e cognitivo do aluno.

Segundo Santana; Carvalho; Brito (2012, p. 25), “[...] a prática docente é compreendida como atividade social que possibilita trocas de experiências, o desenvolvimento da reflexão e da colaboração entre os pares”. Então, entendemos que o professor alfabetizador deve estar em constantes estudos e fazendo mais reflexões de seus métodos, pois isso contribui para a aprendizagem do aluno. O professor alfabetizador deve se preocupar não só em ensinar o aluno a ler e escrever, suas práticas precisam estar voltadas para a construção efetiva da alfabetização inteira desse aluno, ou seja, atentar-se quanto a sua leitura e interpretação de mundo.

Essa percepção nos permite compreender que a sociedade exige um indivíduo letrado, que possa posicionar-se diante dos assuntos vigentes e que, além de tudo, possa apropriar-se de uma leitura menos mecânica e mais relevante tendo como foco o ponto crítico e reflexivo desse processo. Portanto, um indivíduo, além de ser alfabetizado, ou seja, ter apropriação da escrita e leitura, deve ser letrado, e cabe ao professor induzi-lo a tal aprendizagem. Assim, as práticas pedagógicas de letramentos são fundamentais na formação do aluno dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

## 5 Considerações finais

Os conhecimentos de várias dimensões de alfabetização e letramento colaboram para uma prática relevante e diferenciada, pois fornece ao professor uma variação de metodologias e conteúdos a serem explorados com seus educandos, isto é, podem ser reais formas dos

docentes facilitarem o processo de aprendizagem do aluno. As práticas alfabetizadoras pedem ao professor alfabetizador conhecimentos multifacetados do processo de alfabetização, ou seja, a abordagem de uma prática cujo objeto deve ser analisado numa perspectiva multidisciplinar.

A temática da alfabetização ganhou lugar de destaque na literatura educacional e se constituiu objeto de discussão em grande dimensão nos seus sistemas desde o século XX. O desenvolvimento de sucessivas práticas pedagógicas de alfabetização datou determinada época social na qual permeou todo o processo de democratização do ensino. Sendo assim, para que a alfabetização fosse, de fato, efetivada em sala de aula, seria necessário que o educador contivesse um processo formativo que lhes dessem bases para o desenvolvimento de suas práticas e, por consequência, para formar leitores e escritores no âmbito das práticas sociais.

As pluralidades de conhecimentos dos alunos mostram um conjunto de saberes que se diferenciam do professor no espaço da sala de aula, pois possuem suas adversidades. Assim sendo, os ritmos de aprendizagem dos educandos se dão, principalmente, através de fatores externos à escola (afetivos, econômicos e sociais), e se articulam, certamente, aos fatores internos no cotidiano escolar, e o docente deve estar atento a esses fatores que influenciam na aprendizagem de qualquer indivíduo.

Potencializar os aspectos do letramento na alfabetização de crianças é uma tarefa complexa, que exige do professor o conhecimento das dimensões que envolvam o desenvolvimento humano, tanto fatores internos quanto externos e sua inter-relação com o contexto das práticas, usos e funções sociais de leitura e escrita.

Neste estudo, com base nas contribuições e reflexões teóricas com as quais pesquisamos, identificamos que a alfabetização tem um grande desafio: ensinar as crianças a ler e escrever possibilitando o desenvolvimento de competências para a utilização da leitura e da escrita como práticas sociais.

O processo de alfabetização possui duas vertentes práticas para a sua consolidação, pois a criança constrói a oralidade a partir do método evidenciado pelo professor. Para a fase inicial do processo de letramento, a criança necessita aprender a parte cujas unidades menores são apreendidas de forma autônoma ou com o suporte necessário do professor até atingir o grau máximo na formação de textos.

Esse processo da alfabetização só pode ser consolidado quando as capacidades intrapsíquicas, linguísticas, afetivas e sociais da criança estiverem em uma etapa maturacional fundamental para poder conseguir desenvolver tais capacidades em vista da aprendizagem no processo de escolarização. Assim, quando a silabação se inicia, desperta na criança o momento de soletração, permitindo a possibilidade de codificar e decodificar com base na memorização dos símbolos linguísticos.

Conforme vimos nas discussões entre os mais variados autores já citados no campo da alfabetização, através das práticas de letramento (SOARES, 2007; FERREIRO, 2001; KLEIMAN, 2005), o aluno entra em contato com o mundo concreto e abstrato, despertando o senso crítico sobre as possibilidades de reinvenção desses mundos, de maneira autônoma e participativa. Nesse sentido, a comunicação é um aspecto essencial para a percepção do mundo interior e exterior do sujeito, visto que sua articulação é tecida em momentos diversos entre os atores sociais, viabilizando o aprender na coletividade por meio da troca e partilha de experiências desses sujeitos.



Portanto, cabe refletir que alfabetizar não significa apenas o professor trabalhar estratégias de leitura e escrita por meio do ensino formal, e que compete à família inserir no ambiente de convívio diário com a criança o reforço daquilo que é trabalhado na escola; esta, por sua vez, deve articular novas experiências práticas de letramento no cotidiano de cada sujeito, utilizando o livro didático como instrumento de leitura e configuração sistemática para transcrever os códigos e demais signos e símbolos da escrita.

## Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 15 mar. 2021.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 2005.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- FERREIRO, Emília. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2001.
- KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras. São Paulo: Contexto, 2005.
- LEFFA, Vilson J. Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social. In.: LEFFA, Vilson J.; PEREIRA, Aracy E. (org.). **O ensino da leitura e produção textual**. Pelotas: Educat, 1999.
- MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. 4. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2014.
- MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Conferência proferida durante o Seminário “Alfabetização e letramento em debate”, 2006. Disponível em: <<https://fbnovas.edu.br/site/wp-content/uploads/2019/02/Acervo%20em%20PDF/Hist%C3%B3rias%20dos%20M%C3%A9todos%20de%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2021.
- NONO, Maévi Anabel; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti et. al. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação**. São Carlos: EDUFScar, 2009.
- SANTANA, Adriana Pereira Silva de; CARVALHO, Conceição Cavalcante; BRITO Antônia Edna. Reflexões sobre os saberes da prática pedagógica alfabetizadora. Campina Grande, REALIZE Editora, 2012, **Anais do IV FIPED-Fórum internacional de pedagogia**, Parnaíba PI, Brasil, ISSN: 2316-1086, versão online. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/14>>. Acesso em: 04 abr. 2021.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.



TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e escrever:** uma proposta construtivista. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Recebido em março de 2021.

Aprovado em maio de 2021.